

Holanda, do BNB, diz que setor de infraestrutura deve puxar demanda por financiamentos de longo prazo **C3**



Destaques

Leilão de imóveis do BVA

A Justiça determinou um novo leilão de imóveis da massa falida do Banco BVA. Serão colocados à venda 34 lotes, no valor de R\$ 129 milhões. O leilão será realizado entre os dias 13 e 15 de março, por meio eletrônico, no site Superbid Judicial. Os imóveis que não atingirem o valor mínimo de avaliação voltarão a leilão em abril com 50% de desconto. Os recursos arrecadados serão usados para quitar dívidas com os credores do banco, que teve a falência decretada em setembro de 2014. (Vinicius Pinheiro)

Conselho da Previ

O executivo Walter Malieni Júnior assumiu a presidência do conselho deliberativo da Previ, o fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil. A indicação dos conselheiros que representam o banco, ocorreu após a renúncia de Paulo Ricci. Malieni é vice-presidente de distribuição de varejo e gestão de pessoas no BB. Na instituição, ele atuou como vice-presidente de controles internos e riscos, e diretor de crédito e de distribuição São Paulo. Ricci era presidente do conselho deliberativo da Previ desde setembro de 2015. A vaga de conselheiro que ele ocupava será substituída por Carlos Alberto Araujo Netto. (Juliana Schincariol)

Índice de Renda Fixa Valor/Inspir



Cai lucro do Crédit Agricole

Segundo maior banco francês, o Crédit Agricole teve lucro líquido de € 291 milhões no quarto trimestre, 67% menos que no mesmo período de 2015. O banco reportou baixa contábil de € 491 milhões em sua operação local de varejo. Excluindo itens não recorrentes, o lucro subiu 53% para € 904 milhões, impulsionado pelo desempenho do banco de investimento. (Agências internacionais)

Prazo maior no home equity

O Banco Central (BC) estendeu o prazo para que os bancos que fazem financiamentos na modalidade de "home equity", na qual um imóvel é dado como garantia, façam o registro das informações dessas garantias em sistema de registro e de liquidação financeira de ativos ou em sistema mantido por entidade autorizada, como a Cetip. Em julho do ano passado, o BC tinha estipulado 1º de março como data limite para a obrigatoriedade do registro. Agora, o prazo é 31 de outubro. Os bancos precisam prestar informações como número de registro, endereço, valor de avaliação e estado de conservação. (Eduardo Campos)

Swap cambial

O Banco Central (BC) registra uma perda de R\$ 9 milhões com as operações de swap cambial em fevereiro até o dia 10. Em janeiro, o mercado pagou R\$ 5,116 bilhões ao BC. O estoque está próximo de US\$ 26 bilhões, mas deve cair após o BC anunciar a rolagem parcial de contratos. (Eduardo Campos)

Índice

Agência C3
Bolsas nacionais C4
Indicadores financeiros C5
Fundos de ações C6
Fundos multimercado C6
Fundos de previdência C7
Fundos de renda fixa C7

Câmbio Para analistas, moeda tende a seguir em baixa em meio a confluência de fatores positivos

Dólar volta a cair e se aproxima de R\$ 3

José de Castro, Lucinda Pinto e Sílvia Rosa
De São Paulo

A queda do dólar para R\$ 3,00 é agora questão de tempo, na avaliação de analistas, em meio a uma confluência de fatores positivos ao Brasil que há tempos não era observada. Esse movimento tem fortalecido a discussão no mercado sobre a possibilidade de o Banco Central intensificar as intervenções no câmbio. Ontem a moeda americana voltou a renovar a mínima no ano frente ao real, após recuar 0,97% e terminar a R\$ 3,0640, no menor patamar desde 18 de junho de 2015.

A boa performance da moeda brasileira reflete a expectativa de aumento de fluxo de recursos para o Brasil, a melhora do risco país e um ambiente externo favorável a ativos considerados mais arriscados. O rali do câmbio doméstico chama atenção pelo fato de o real vir de um ano já de forte valorização. A moeda brasileira

se aprecia 6,09% neste ano, quarto melhor desempenho global no período, após ter valorizado mais de 21% em 2016.

Para o sócio da Rosenberg Investimentos Marcos Mollica, "a queda do dólar é um movimento consistente e a cotação pode buscar os R\$ 3 muito rapidamente". Ele diz que há demanda firme por ativos brasileiros, baseada na melhora dos fundamentos locais e também influenciada pelo enfraquecimento do "trade Trump". O risco de o governo americano adotar medidas de estímulo econômico que fortaleceriam o dólar e levariam a o Federal Reserve (Fed, banco central americano) a promover uma alta da taxa básica de juros muito maior que a esperada pelo mercado tem se enfraquecido.

No cenário doméstico, as demonstrações do governo Temer de capacidade de coordenação política, que reforçam a convicção no avanço das reformas, em especial a da Previdência, contribuem

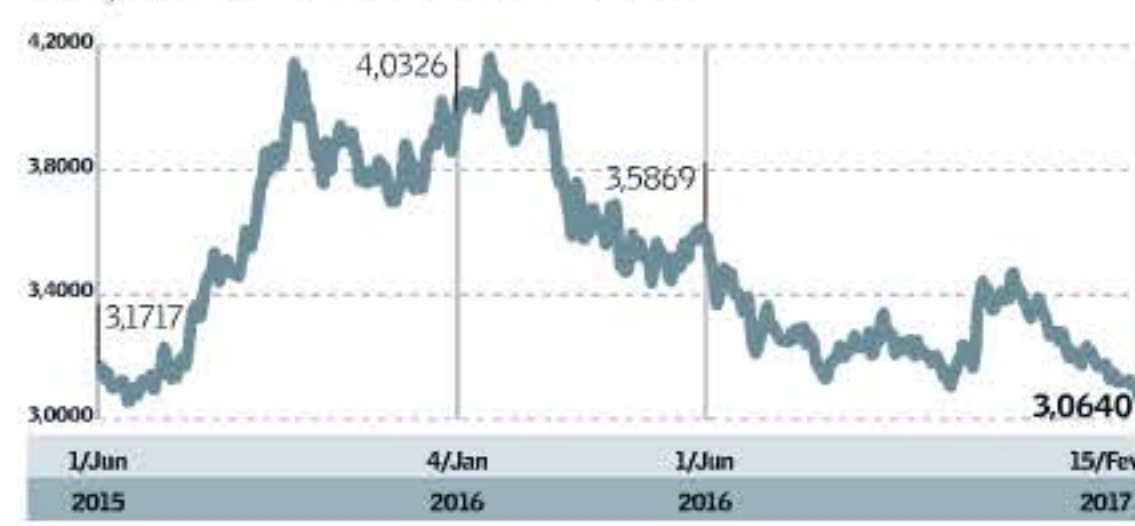
para a queda do risco país. O CDS de cinco anos do Brasil — que mede o risco de calote da dívida dos países — caiu de 486 pontos-base em 16 de fevereiro de 2016 para 221 pontos-base ontem.

O sócio gestor da Flag Asset Management e ex-chefe do Departamento de Operações do Mercado Aberto do Banco Central (Demab), Sérgio Goldenstein, também vê possibilidade de o câmbio continuar se apreciando, podendo recuar abaixo de R\$ 3 com a perspectiva de fluxo positivo para o Brasil.

No mercado, segue firme a perspectiva de fluxo de recursos tanto para a conta comercial como para financeira. A safra agrícola deve bater recorde este ano, permitindo uma alta expressiva das receitas com exportação. Segundo a Abiove, associação que representa as indústrias de óleos vegetais, as exportações do complexo soja (grão, farelo e óleo) devem somar US\$ 29,176 bilhões em 2017, 14,76% a mais que no ano passado. A safra total para cereais,

Dólar perde força

Cotação da moeda americana, em R\$/US\$



leguminosas e oleaginosas estimada pelo IBGE deve alcançar 221,4 milhões de toneladas neste ano, aumento de 20,3% ante 2016.

"O exportador tanto tem feito 'hedge' [proteção] quanto vendido dólar das exportações no mercado físico", diz o operador de um grande banco. "O que existe é uma antecipação dos fluxos da safra. Isso está deixando o dólar 'pesado'", acrescenta.

Há grande expectativa também de entrada de recursos com a retomada das captações externas e das ofertas iniciais de ações (IPOs), além do ingresso para investimento direto.

O fluxo cambial está negativo em US\$ 2,450 bilhões em fevereiro até o dia 10, resultado de uma saída de US\$ 2,945 bilhões na conta financeira e de um superávit de US\$ 494 milhões na conta comercial. No ano, o fluxo cambial está positivo em US\$ 1,213 bilhão, contra um saldo positivo

de US\$ 30 milhões registrado no mesmo período ano passado.

A queda mais forte do dólar nesta semana, que acumula desvalorização de 1,47%, é atribuída também à estratégia do Banco Central para o atual estoque de swaps cambiais. O operador de um grande banco estrangeiro diz que, ao confirmar a sinalização de rolagem parcial, o BC "removeu" uma incerteza que havia e deixou o mercado livre para voltar a operar a favor da moeda. Além disso, diz ele, o mercado estaria "se dando conta" que o BC tem menos "munição" para frear a queda do dólar.

O BC sinalizou neste mês a rolagem parcial do lote de quase US\$ 7 bilhões em contratos de swap cambial tradicional que vence em março, devendo renovar apenas US\$ 2,7 bilhões desse montante. Com isso, se mantiver o ritmo de rolagem de 6 mil contratos nos meses até o fim do mês, o BC deve reduzir o estoque desses derivativos de US\$ 26,528 bilhões para US\$ 22,284 bilhões. "Não vejo o BC com munição e nem disposição para segurar o movimento do câmbio", diz Goldenstein, da Flag.

O gestor sênior de câmbio da Absolute Investimentos, Roberto Campos, vê até a possibilidade de o BC antecipar o vencimento dos swaps tradicionais, o que ocorreria via oferta de contratos de swap cambial reverso, que equivalem a uma compra de dólares no mercado futuro. Numa lista de probabilidades, porém, o gestor vê primeiro a manutenção de uma atuação "moderada", com o BC ciente do conjunto de notícias favoráveis ao câmbio.

O economista do Banco Votorantim Carlos Lopes reconhece alguma chance no curto prazo de o dólar cair abaixo de R\$ 3. Por outro lado, ele avalia que a apreciação do câmbio "já incorpora muitos fatores favoráveis". E isso explica o viés de depreciação para o real até o fim do ano. Lopes segue prevendo o câmbio a R\$ 3,50 até o fim do ano.

O risco para o real seria uma alta maior que a esperada pelo mercado da taxa de juros americana. A presidente do Federal Reserve, Janet Yellen, voltou a dizer ontem, no Congresso, que a melhor maneira de se remover a acomodação da política monetária é elevar a taxa de juros nos EUA.

8ª maior rede global de auditoria e consultoria

- USD 3.708 bilhões (crescimento de 6%)
- 35.327 pessoas
- 764 escritórios

Smart decisions. Lasting value.™

Brasil:

- 5 escritórios (SP, RJ e PR)
- 370 pessoas
- 650 clientes

www.crowehorwath.com.br | (11) 5632-3733

BTG avalia compra da carteira do Econômico

Graziella Valenti
De São Paulo

O BTG Pactual assinou há poucos dias um contrato de confidencialidade para ter acesso às informações sobre o que restou do Banco Econômico, que está em liquidação extrajudicial há mais de vinte anos, desde agosto de 1996. O interesse essencial do BTG está na compra da carteira de créditos da instituição, que foi à venda em 1995 após sofrer intervenção do BC, mesmo tendo recebido auxílio do governo federal por meio do Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer). Procurado, o BTG não comentou.

O interesse nos créditos vendidos, conhecidos pela sigla em inglês NPL ("non performing loans"), existe porque o BTG prepara o retorno ao mercado de recuperação desses ativos. No fim de

2015, no auge dos problemas de liquidez por causa da prisão do ex-controlador André Esteves, o banco vendeu seu negócio neste ramo, a companhia Recovery, ao Itaú Unibanco. Em dezembro deste ano, no aniversário de dois anos da venda, terminará a validade da cláusula de não competição assinada pelo BTG na transação.

A empresa que substituirá o espaço da Recovery chama-se Enforce. Inicialmente, a nova companhia vai absorver a gestão de R\$ 30 bilhões de créditos em recuperação que o BTG já tem em carteira, além de 140 imóveis com problemas judiciais e com contas inadimplentes.

O último balanço disponível do Banco Econômico, do encerramento de 2014, relata a existência de carteira de R\$ 4,8 bilhões. Entretanto, o valor exato não é público, pois créditos provisionados e baixados para prejuízo ficam fora do balanço — mesmo ainda representando

oportunidade de recuperação.

O interesse inicial está focado nos NPLs. Contudo, segundo o Valor apurou, não está descartada a compra de todos os bens e direitos do Econômico, ou seja, do CNPJ da instituição, em uma operação estruturada, a exemplo da transação de R\$ 418 milhões com o Bamerindus, que trouxe também créditos tributários para o BTG. Enquanto a gestão da carteira de crédito gera lucro com o recebimento de pagamentos ou parte deles, os créditos fiscais representam oportunidade de economia de caixa. Como o banco fundado por Esteves tem lucro, é possível abater esses direitos do imposto a pagar.

Não há dados disponíveis sobre eventuais créditos fiscais do Econômico. Conforme fontes que conhecem a situação do Econômico, trata-se de "negócio bem menor" do que o Bamerindus, ainda que considerado na totalidade.

No ano passado, houve situa-

ção oposta à do Bamerindus. Depois de avaliar as informações do Banif, o BTG desistiu da compra da instituição. Neste momento, negava uma participação na LDI Desenvolvimento Imobiliário, que pertence ao banco de origem portuguesa — embora ainda não concluída, a aquisição já recebeu aval do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade).

Ao fim de 2014, o patrimônio líquido do Econômico estava negativo em mais de R\$ 1,9 bilhão. A instituição, de origem baiana, ainda pertence a Ângelo Calmon de Sá, mas seus ativos e passivos estão sob administração do liquidante Natalício Pegorini, que preferiu não comentar o assunto. Ainda que Calmon de Sá seja o proprietário das ações, uma vez que o banco está em liquidação extrajudicial a decisão sobre o negócio cabe ao Banco Central (BC).

Em 1999, o Ministério Público Federal ofereceu denúncia contra

os administradores do Banco Econômico, a partir de informações obtidas durante a intervenção do BC. Contudo, a maior parte das ações penais contra o ex-banqueiro prescreveram (em outubro de 2015), devido ao prazo decorrido do início da ação e também ao fato de Calmon de Sá ter passado dos 70 anos de idade. Quando condenado a primeira vez, em setembro de 2007, tinha 72 anos.

A acusação apontou que o banco captava linhas de crédito com instituições financeiras no exterior para financiar exportações brasileiras. Entretanto, de acordo com o MPF, o banco usava o mesmo contrato para fazer mais de uma operação e os recursos extras levantados eram usados para dar liquidez ao próprio banco e esconder a real situação financeira das empresas controladas. (Colaborou André Guilherme Vieira)

Leia mais na página C3